

Arquimedes na América



Archimedes for Sale

NEW YORK, NEW YORK

Felix de Marez Oyens. Que nome extraordinário! Não o conheço mas vi-o na televisão uma vez. O seu nome e comportamento parecem propositadamente feitos para sugerir uma linhagem distinta e internacional, uma linhagem que, naturalmente, produziu um vasto conhecimento, gosto apurado, perfeito discernimento e completa integridade. Era óbvio que possuía um vasto conhecimento sobre livros e era extremamente bom a vendê-los. Por isso era o director internacional do departamento de Livros e Manuscritos da leiloeira Christie's em Nova Iorque.

Terça-feira, 29 de Outubro de 1998, foi um dia excepcionalmente atarefado para Felix. Grande parte do dia foi dedicada ao leilão da última secção da extraordinária colecção de livros de ciência e medicina de Haskell F. Norman. Entre os 501 lotes havia algumas pérolas. De manhã, vendeu a tese de doutoramento de Marie Curie, que ela dedicara com assinatura a Ernest Rutherford, o homem que descobriu a estrutura nuclear do átomo; uma primeira edição de *A Origem das Espécies*, de Darwin; um exemplar da publicação, em 1905, da Relatividade Especial. À tarde estavam a leilão livros ainda mais extraordinários: um exemplar de uma primeira edição do *Tratado sobre Electricidade e Magnetismo*, de James Clerk Maxwell, que o homem que descobrira o

electrão, J. J. Thompson, recebera como prémio; o primeiro relato publicado de Wilbur Wright sobre os voos de teste do *Kitty Hawk*, na Carolina do Norte; e *Dos Princípios da Geometria*, de Nicolai Lobachevski, a primeira obra de geometria não-euclidiana a ser publicada. Todos grandes livros, e um grande dia para Felix.

Encaixada entre as duas sessões, a de manhã e a de depois do almoço, do leilão da colecção Norman, havia um pequeno leilão separado, dedicado a um livro. Não era uma obra impressa mas manuscrita, e não pertencera a Norman. Na verdade, o catálogo impressionante que Felix prepara para a ocasião, com o esplêndido código de venda «Eureka – 9058», não regista a quem o manuscrito pertencia. Não parecia um grande livro. Estava chamuscado do fogo, comido por bolor, e era quase ilegível. Além disso, na véspera, o Patriarcado de Jerusalém da Igreja Ortodoxa grega solicitara uma providência cautelar ao juiz Kimba Wood, do tribunal de Nova Iorque. O Patriarcado alegou que o manuscrito fora roubado de uma das suas bibliotecas. A Christie's argumentou, com sucesso, o seu direito de leiloar a obra no dia seguinte, mas era evidente que o caso sobre a posse legítima do livro continuaria mesmo depois da venda. Mesmo com o catálogo luxuoso o livro iria ser de venda difícil. Quem iria querer um manuscrito ilegível em péssimas condições, ainda para mais associado a um caso em tribunal? Ainda assim, nesse dia, às 14 horas, Felix estava decidido a vendê-lo pela quantia astronómica de 800 000 dólares.

Felix esperava que o livro valesse tanto dinheiro porque por baixo das orações cristãs do século XIII havia palavras rasuradas de uma lenda antiga, um génio da matemática – Arquimedes de Siracusa. Por muito incompleto, danificado e demasiado escrito que estivesse, o livro era o mais antigo manuscrito existente de Arquimedes. Era o único que continha *Dos Corpos Flutuantes* – talvez o seu tratado mais célebre – no original grego, e o único que continha a versão de dois outros textos extraordinários, o revolucionário *Método* e o divertido *Stomachion*. Mal se conseguiam ler, mas, como Felix observou, talvez as técnicas modernas

de tratamento de imagem pudessem ajudar. Havia ainda outros textos rasurados no livro, mas eram praticamente invisíveis; ninguém os conseguia ler, nem ninguém lhes prestara especial atenção. O importante é que este livro continha os vestígios materiais da mente de um grande homem. Se este era um grande dia para Felix, era imenso para a história da ciência.

A sala do leilão era nos escritórios da Christie's, na esquina entre Park Avenue e a Rua 59, em Nova Iorque. A sala estava decorada com quadros de arte contemporânea, que facultavam um esplêndido enquadramento visual que o manuscrito não proporcionava. O próprio manuscrito estava preso num suporte e bem seguro dentro de um recipiente, sob uma iluminação teatral, à direita do palanque do leiloeiro. À medida que se escoavam os minutos antes do leilão, os jornalistas iam chegando. Ficaram no fundo da sala, com os operadores de câmara, que iam focando o livro, tentando torná-lo tão fotogénico como os quadros, mas em vão. As filas mais afastadas do palanque estavam cheias, na sua maioria com académicos, como Fred Rickey, professor de Matemática em West Point, um apaixonado pelo manuscrito e muito interessado em saber qual seria o destino deste, embora não tivesse meios de o comprar. Os lugares da frente, onde se esperaria que estivessem clientes realmente interessados, estavam preocupantemente vazios. Felix talvez estivesse algo preocupado. Mas era um homem de sorte. O seu número da sorte era o dois, pois o valor de mercado de um objecto é sempre determinado por quão desesperadamente mais do que uma pessoa o deseja.

Uma das pessoas que desejavam desesperadamente o livro era Evangelos Venizelos, o ministro da Cultura da Grécia. Queria-o para o seu país. E anunciara publicamente que era a obrigação moral, histórica e científica da Grécia adquirir o manuscrito. À última da hora reuniu um consórcio para o comprar, e enviou o cônsul-geral grego em Nova Iorque, o sr. Manassis, para estar presente no leilão. Estava sentado na primeira fila, com outra pessoa, no lado esquerdo da sala.

Logo atrás do sr. Manassis estava outra pessoa que tinha a esperança de o desapontar – Simon Finch, um alfarrabista londrino muito conhecido. Se a ideia que fazem de um alfarrabista é a de um senhor de óculos, com casaco de *tweed*, desenganem-se. Finch não é nada disso. Aos 45, mais parece uma estrela de *rock* do que um homem dos livros, e vende livros a estrelas de *rock* quase tantas vezes quanto a bibliotecas. É o tipo de homem que geralmente encontramos nas feiras do livro com um fato Vivienne Westwood, e com um corte de cabelo elegantemente em desalinho. Tem até um par de sapatos azuis de camurça. Finch é um romântico, e é por isso que está no negócio dos livros. Se o leitor não considera romântica a combinação de uma grande história e a qualidade suprema que os livros podem facultar, ele dir-lhe-ia que é porque nunca folheou um grande livro. Cinco minutos depois, talvez já seja cliente. Quando se apresentou no leilão do Palimpsesto com os tratados de Arquimedes, Finch tinha um ar mais misterioso do que habitualmente. Ninguém sabia para quem é que ele estava a trabalhar, e ninguém sabia muito bem até quanto essa pessoa estava disposta a pagar pelo Palimpsesto Arquimedes.

Às 14 horas começou o duelo, com o homem da Christie's, Francis Wahlgren, no palanque. Chegou-se facilmente ao preço de reserva de 800 000 dólares, e o leilão prosseguiu, passando o valor simbólico de um milhão de dólares. Sempre que os gregos levantavam o seu número, o 176, Finch respondia com o dele, o 169. Os gregos recebiam instruções por telefone e de cada vez que o preço subia demoravam um pouco mais a mostrar o número. E, a cada vez, Finch cobria a nova oferta. O cônsul-geral ofereceu os 1 900 000 dólares pedidos pelo leiloeiro. Finch reagiu rapidamente, com 2 000 000 dólares. Wahlgren olhou para o cônsul-geral, para ver se este respondia. Os gregos estavam ao telefone, desesperados, a tentar juntar dinheiro. Após o que pareceu uma eternidade, Wahlgren bateu o martelo: «Vendido por dois milhões de dólares», exclamou, «ao número 169». Os gregos não tinham conseguido; o livro fora para o cliente anónimo de Finch. Acres-

cido da comissão, o Palimpsesto Arquimedes fora vendido por 2 200 000 de dólares.

Só este livro rendeu quase metade da quantia obtida com os 501 lotes do leilão Norman. Por isso, não admira que o assunto chegasse à imprensa. No dia seguinte, a primeira página do *New York Times* anunciava ao mundo o papel de Finch. Ele dava a cara, não por uma universidade, não por uma biblioteca, mas por uma pessoa. Mas Finch não abria o jogo; admitia apenas que o comprador era um cidadão americano que «não era Bill Gates». Antes do leilão, Felix de Marez Oyens mostrara o livro a Finch e ao comprador. Felix classificara-o como «um livro velho, sujo», e tirara-o de um saco de papel castanho, pousado na sua secretária. Esta não era a mercadoria habitual de Felix, mas resultara. Quem quer que fosse a pessoa, ao contrário de muitas instituições eminentes, queria tanto o livro que estava disposto a enfrentar o governo de um país e um líder religioso, e preparado para pagar uma fortuna pelo privilégio de possuir um livro antigo, bolorento, ilegível e, ainda, objecto de um processo em tribunal. Seria um louco, que queria ficar com o conhecimento secreto só para si? Felix talvez estivesse satisfeito, mas muitos estavam indignados. Se o passado do Palimpsesto era obscuro, o seu futuro parecia perigosamente incerto.

BALTIMORE, MARYLAND

O meu nome é Will Noel. Sou o conservador do Walters Art Museum, em Baltimore, no estado de Maryland. O Walters, como é conhecido, é um grande museu americano, tendo por modelo um *Palazzo* da Renascença de Génova. Para se ter uma ideia, imagine-se escadarias grandiosas em mármore e um pátio central rodeado de colunas. Está situado na baixa de Baltimore, a par de outros edifícios nobres em Mount Vernon Place. No centro da praça está um pilar alto, no cimo do qual está George Washington. Se fosse em Londres, esta praça estaria apinhada de turistas, músicos de rua e estudantes. Mas, estando no centro de Baltimore, como é o

caso, Mount Vernon Place é um local habitualmente despido de gente, o que lhe confere um aspecto de melancólica animação suspensa que nem o trânsito consegue mitigar. Este edifício alberga a soberba colecção de duas pessoas, pai e filho, William e Henry Walters. Num acto de grande filantropia cívica, esta colecção foi doada por Henry à cidade de Baltimore em 1934. Poucas pessoas o visitam mas o museu acolhe 55 séculos de arte, sendo o seu espólio em muitas áreas verdadeiramente fabuloso. Thomas Hoving, o director do Museu Metropolitano de Arte de Nova Iorque, disse do Walters que «peça por peça, é o maior museu de arte dos Estados Unidos». O meu trabalho é pesquisar, divulgar e expor a colecção Walters de Manuscritos e Livros Raros. E estes são objecto de lendas e a essência da História: vão desde 300 a.C. até 1815, do Livro dos Mortos do Antigo Egipto às memórias de Napoleão. A maioria do espólio é medieval e sumptuosamente ilustrada com iluminuras. Por entre outros itens do espólio do Walters contam-se os enormes sarcófagos romanos e quadros de Hugo van der Goes, Rafael, El Greco, Tiepolo e Manet.

Gary Vikan, o director do Walters, é o meu chefe. Algumas semanas antes do leilão eu falara-lhe do Palimpsesto Arquimedes – faz parte do meu trabalho acompanhar os mercados de Nova Iorque e Gary tem um interesse especial em manuscritos medievais. Toquei num ponto que lhe era querido. No dia após o leilão, quando fui trabalhar, ele recebeu-me junto à grandiosa escadaria da casa que em tempos fora o lar dos Walters e, com o *New York Times* na mão, disse-me: «Will! Por que não tentas descobrir quem é que comprou o Palimpsesto Arquimedes e vês se o consegues para exposição?»

Para mim, isto não era boa ideia. Afinal de contas, o Walters é um museu de arte – preocupa-se com o aspecto que as coisas têm. E no Palimpsesto Arquimedes nem se percebe o que é interessante. Enviei a Gary um memorando a perguntar-lhe se ele queria realmente que eu fizesse isso. Uns dias mais tarde, recebi o meu memorando devolvido, com os rabiscos característicos do director «NÃO

VALE A PENA INVESTIR MUITO TRABALHO». Para mim, era óbvio que devia pelo menos tentar. Tinha tantas pistas como qualquer outra pessoa. Só tinha o nome de Simon Finch e por isso pedi a Kathleen Stacey, a bibliotecária-chefe do Walters, que me encontrasse o *e-mail*. Ela assim fez e enviei a Finch o seguinte e-mail:

Caro Senhor Finch,

Sou o conservador de manuscritos do Museu de Arte Walters, de Baltimore. O museu tem 850 manuscritos medievais, 1300 incunábulo e mais 1500 livros impressos após 1500. A maioria destes livros é ilustrada, e muitos foram reunidos por Henry Walters entre 1895 e 1928...

Temos um programa de aquisições muito activo, embora o nosso financiamento seja limitado. Por exemplo, adquirimos recentemente a Sam Fogg um luxuoso manuscrito etiope do século XVI. Em termos gerais, estaria interessado em receber os seus catálogos e agradecia que me incluísse na sua lista de contactos.

No entanto, escrevo-lhe por uma razão mais concreta. O Director do Walters, o Dr. Gary Vikan, é especialista em material grego e ficou fascinado (tal como eu) pelo Palimpsesto Arquimedes. O Dr. Vikan indagou se haveria alguma hipótese de exhibir o manuscrito no Walters durante um breve período. Não sei se o comprador do volume estaria sequer interessado nesta ideia. Mas caso julgue que esteja, ficar-lhe-ia grato se lhe pudesse transmitir a sugestão.

O Walters tem um programa activo de exposições. Estamos actualmente a preparar uma mostra de obras do Vaticano; no início do ano tivemos Monet, e em 1999 teremos as artes da Geórgia. Se o proprietário do Palimpsesto estivesse interessado em exhibir o manuscrito, talvez considere que o Walters seria um local apropriado.

Peço desculpa por esta proposta assim a frio. É apenas uma ideia, mas empolgante, na nossa perspectiva, dada a extraordinária importância cultural do códice. Independentemente do que possa pensar desta ideia, aguardo notícias suas, bem como o seu catálogo.

Grato pela atenção,

William Noel

Conservador de Manuscritos e Livros Raros

Movi o cursor para o canto superior esquerdo do monitor. ENVIAR. Um minuto depois já deixara de pensar nisto: para ser sincero, as hipóteses de isto dar em alguma coisa eram fracas, no mínimo. Aliás, nem queria que acontecesse algo, e tinha que escrever umas legendas para uns manuscritos com iluminuras holandesas. Contudo, fizera o que me competia.

O correio electrónico praticamente não tem um ritual. Não temos de ir à caixa do correio, de olhar para o selo, de cortar o envelope, de adivinhar a caligrafia. Surgem apenas, inesperados, no monitor, quando estamos absortos nos nossos afazeres diários. Alguns, quais terroristas electrónicos, podem ser desconcertantes e mudar a nossa vida. Três dias após ter enviado o e-mail a Finch, foi isso que me aconteceu. Estava alegremente a redigir uma legenda para um livro com iluminuras grisailles dos mestres de Delft quando o meu computador fez: *ping*. «A RECEBER». Sam Fogg. Abri o mail:

Caro Will,

Escrevo-lhe em resposta à sua carta a Simon Finch relativamente ao Palimpsesto. Creio que o comprador está muito receptivo à ideia de enviar o Arquimedes para o Walters. Já lhe sugeri que visitasse o museu em Janeiro. Talvez pudéssemos conversar ao telefone, em breve, sobre isto e o Arquimedes.

Melhores cumprimentos,

Sam Fogg

Fiquei estático na minha cadeira, de olhos fechados, mãos na cabeça, com o estômago a dar voltas. Depois, peguei no telefone e liguei um número que sabia quase de cor. Embora não estivesse à espera que a resposta fosse dele, eu conhecia bem o Sam Fogg. Quando eu concluíra a licenciatura e vivia com dificuldades em Camden Town, em Londres, fizera alguma pesquisa para ele (leia-se, «ele deu-me trabalho»), e quando me tornei conservador de museu na América estava em posição de ocasionalmente lhe poder

comprar um manuscrito ou outro. Sam é das personagens mais pitorescas do mundo da arte. Famoso por ter vendido ao Museu Britânico painéis do tecto pintado do quarto de Henrique III, em Westminster, por ter vendido ao Museu J. Paul Getty uma folha da obra-prima em miniatura de Jan van Eyck, o *Livro de Horas de Milão-Turim*, e por ter comprado um Rubens por 40 milhões de libras, Sam é um homem de sucesso, moderno e sedutor. Já não me lembro bem da nossa conversa, mas Sam deve-me ter dito que Simon Finch lhe ligara porque eu o mencionara no meu *e-mail*.

Marquei um voo para Londres. Antes de ir apanhar o avião preparei a estratégia com Gary. Para ele, Simon Finch e Sam Fogg até podiam ser a mesma pessoa e eu estava a ser enganado. Não era essa a minha opinião. E pude prová-la dois dias mais tarde: almocei com Simon Finch e Sam Fogg num restaurante em Maddox Street. Só neste almoço é que fiquei a saber quem era o verdadeiro dono do Palimpsesto. Ele esteve presente no leilão, incógnito para a concorrência e desconhecido para a imprensa. Ainda hoje gosta de contar a história. Mais, ele sabia perfeitamente o risco daquilo que estava a comprar e fê-lo no pressuposto de que seria entregue algures para restauro e investigação académica. Para ele, o anonimato era importante e doravante passou a ser referido como «Sr. B» na nossa correspondência. Acordámos que Sam e o Sr. B visitariam o Walters em Janeiro.

Isto era excelente. O problema é que eu nada sabia de Arquimedes ou do seu livro. Em tempos o meu irmão Rob escreveu uma história sobre um palimpsesto com os cantos das folhas revirados do uso e por isso eu tinha a noção romântica de que os palimpsestos podiam albergar um conhecimento secreto a que acederíamos se fôssemos muito inteligentes. Mas era só disso que eu me lembrava. Precisava de mais factos e de um mapa do Mediterrâneo. Lembro-me de ter pensado que Arquimedes nascera em Samos, mas não sabia onde ficava. Levei alguns dias a descobrir que na verdade ele nascera na Sicília. Que posso dizer? Eu tinha muito que aprender. Comecei a ler. Estávamos em Novembro.

Tinha dois meses para aprender o suficiente para não parecer um completo idiota.

Por volta das 11 da manhã de terça-feira, 19 de Janeiro de 1999, o Sr. B e Sam chegaram ao museu. Recebi-os à entrada. Sam ria-se muito, como sempre; o Sr. B estava completamente mudo. Nervoso a princípio, levei-os à sala dos manuscritos, uma divisão de temperatura controlada que serve de meu escritório e de repositório de centenas de tesouros medievais. Estivemos juntos durante cerca de uma hora, antes de os levar a almoçar com Gary. Não consegui avaliar a pessoa. Tudo o que sabia é que ele era reformado, rico – riquíssimo –, e que gostava de comer. Também sabia que ele gostava de livros, mas não consegui saber mais nada.

Para o almoço, eu reservara uma mesa no Marconi's, uma instituição de Baltimore, a cerca de quatro quarteirões do Walters, em West Saratoga Street. O Marconi's é um sobrevivente algo desabonado do passado elegante de Baltimore, e serve comida ótima numa sala ampla, revestida de painéis de madeira clara. No caminho, Sam foi à frente com Gary e eu atrás, com o Sr. B, como se fosse um cachorrinho nervoso a tentar lidar com o maior osso da minha carreira. Lembro-me de lhe dar os parabéns pela sua empolgante nova aquisição, e de dizer que era extremamente generoso da sua parte considerar sequer deixar este novo tesouro à guarda do Walters. A sua reacção a isto foi a minha primeira lição sobre a mente do Sr. B. Ele disse que já tinha deixado o manuscrito comigo. Não percebi. Pedi-lhe que repetisse. E ele disse-me que o tinha deixado num saco, na minha secretária. Engoli em seco. Tal como o arquivista do museu me faria notar, isto não estava em conformidade com os procedimentos habituais do museu para o transporte e documentação de objectos no valor de vários milhões de dólares. Fui na onda. Ótimo, disse-lhe eu, e ainda bem que fechara a porta do meu escritório à chave quando saímos.

O almoço foi cordial, mas, para mim, algo estranho. Como já disse, o Sr. B gosta de comer e leva o seu tempo. Eu queria regres-

sar ao museu e analisar o manuscrito. Para mim, um prato chegava perfeitamente. O Sr. B queria um gelado de chocolate. Eu mal me tinha na cadeira e não conseguia arrancar o Sr. B da sua. Finalmente, o almoço acabou e pediu-se a conta. Gary tentou pagar com cartão de crédito. Mas estávamos em Baltimore. O Marconi's não aceita American Express. Paguei em dinheiro. Regressámos ao museu. No caminho, dei uma desculpa e escapuli-me para comprar um maço de cigarros. Não fumava há três horas, e por isso fumei dois em cinco minutos, enquanto caminhava nervosamente. Entretanto, alcancei-os mesmo a tempo de abrir a sala dos manuscritos.

Em cima da minha secretária estava um saco azul claro, com uma tesoura estampada de lado e, por baixo, as palavras GIANNI CAMPAGNA, MILANO. Abri o saco e retirei uma caixa castanha, que tinha escrito na lombada, em letras douradas, «O PALIMPSESTO ARQUIMEDES». Chamei a minha colega Abigail Quandt, que é a conservadora de manuscritos do museu. Abrimos a caixa. Lá dentro estava um livro pequeno, grosso. A capa era em pele gasta, e já muito manchada. A parte de cima da capa continha um brilho de tinta vermelha e um rebite prateado, de aspecto estranho. Abigail colocou o livro entre dois blocos de madeira sobre a mesa, cobertos de veludo. Os blocos impediam que o livro abrisse muito e exercesse uma tensão desnecessária sobre a lombada e as páginas. Ela abriu o livro apenas o suficiente para que pudéssemos ver o interior. Marcou as páginas enfiando cuidadosamente «cobras» nos cantos. (Na realidade, estas «cobras» eram borlas de cortinado que se encontram facilmente numa loja do ramo; são ótimas para marcar a página um livro medieval.) O Sr. B, Gary e eu espreitávamos por cima do seu ombro. A princípio, não vi nada. Só depois é que os meus olhos se ajustaram. E então veio-me à ideia este tremendo pensamento: eu contemplava a chave única da mente de um génio que morrera há 2200 anos. Mal consegui ver o livro de forma a lê-lo, e não seria capaz mesmo que o pudesse ler, mas, apesar de tudo, ele ali estava.

Após alguns minutos apercebi-me de que já não era altura de continuar de boca aberta de espanto. Ver o livro com calma teria de ficar para mais tarde. A arquivista do museu, Joan Elisabeth Reid, preencheu um recibo para o livro que entreguei ao Sr. B. Tomei nota do seu e-mail, pois este era, e continua a ser, o meu meio preferido de comunicação, e despedimo-nos à entrada do Museu, em North Charles Street. Voltei então rapidamente para a sala dos manuscritos no andar de cima, onde Sam ficara à minha espera, e, empolgado, dei-lhe um forte abraço, esquecendo-me por momentos que estávamos a ser filmados e que o pessoal da segurança do museu controlava todos os nossos passos.

Dois dias mais tarde recebi do proprietário uma carta com um cheque passado ao Walters. Era suficientemente chorudo para despertar a atenção da instituição e me garantir um aumento de ordenado.

Ajuda para Arquimedes

O Sr. B disse-me que comprou um livro feio. Como ele pagara dois milhões de dólares por ele, não tomei isto à letra. Mas não. Agora que o tinha nas mãos via que ele fora sincero. Era feio. Era pequeno – mais ou menos do tamanho de um pacote de quilo de açúcar. Ao abri-lo, vi que as páginas tinham manchas castanhas na sua coloração. Eram visíveis marcas de água coincidentes ao abrir as páginas face a face. As páginas tendiam a ser mais claras no meio do que nas margens, onde ainda estavam mais manchadas. Aliás, as pontas das folhas estavam pretas, como se tivessem sido queimadas. Sobreposto ao castanho das páginas estava bordada uma rede de letras gregas castanho escuras todas desordenadas. A monotonia das páginas só era quebrada por uma ou outra mancha vermelha de uma capitular ou, por vezes, por manchas arroxeadas de bolor. Ao folhear as páginas, pude por vezes distinguir os círculos e as rectas de algo que pareciam diagramas que, para

grande aborrecimento de quem lia, desapareciam na margem interior, na lombada. Comparado com outros manuscritos em que trabalhara, as páginas não dobravam muito bem e estavam deformadas. Por vezes, quando virava uma página acontecia-me deparar subitamente com um formato diferente. Volta e meia ficava pura e simplesmente com uma página na mão. À medida que fui folheando o livro todo houve quatro páginas que se destacaram por terem um certo encanto, pois tinham gravuras, mas no conjunto foi uma experiência sensaborona. E então para o fim, as páginas tinham um aspecto tão frágil e tão bolorento que fechei o livro, alarmado. Este livro, pelo qual o Sr. B pagara uma fortuna, estava nas últimas.

Esta descrição não é muito útil, por isso, permitam-me que descreva o livro etimologicamente. É um manuscrito, ou em termos mais técnicos, um códice manuscrito. Derivado das palavras latinas *manu* (à mão) e *scriptus* (escrito), um manuscrito é todo escrito à mão. Fundamentalmente, difere de um livro impresso porque não é um de muitos livros impressos numa edição. É único. Outros manuscritos podem conter alguns dos textos. Nesta fase, tudo o que eu sabia é que nenhum outro manuscrito continha as obras em grego de Arquimedes, *Método*, *Stomachion* ou *Dos Corpos Flutuantes*. Em segundo lugar, este manuscrito é um palimpsesto. A palavra deriva dos termos gregos *palin* (outra vez) e *psan* (raspar), o que significa que o pergaminho utilizado para o fazer foi raspado por mais de uma vez. Como veremos, para fazer pergaminho há que raspar a pele de animais. E se se quiser reutilizar pergaminho já usado para fazer um livro, há que raspar novamente a pele para apagar o texto preexistente antes de se escrever por cima deste. Este palimpsesto manuscrito era composto por 174 fólios. O fólio, do latim *folium* (folha), tem uma frente e um verso – um recto e um verso –, que equivalem às páginas dos livros modernos. Estavam numerados de 1 a 177 mas, misteriosamente, faltavam três números. Espero que o Sr. B soubesse que lhe faltavam alguns fólios.

Actualmente o livro chama-se o Palimpsesto Arquimedes, mas isto pode ser algo confuso. Desenganem-se: o manuscrito é um livro de orações. Parece um livro de orações, tem o toque de um livro de orações, tem até o cheiro de um livro de orações, e são orações o que vê nos seus fólhos. Só se chama Palimpsesto Arquimedes porque foram usados para o fazer os fólhos retirados a um manuscrito mais antigo que continha os tratados de Arquimedes. Mas, atenção, o texto de Arquimedes fora raspado. Note-se, também, que os copistas do livro de orações usaram fólhos retirados de vários outros manuscritos bem como dos manuscritos de Arquimedes. Aquando da venda ninguém fazia ideia do que estava nestes fólhos: estes não se pareciam com fólhos do manuscrito de Arquimedes nem aparentavam ser todos do mesmo manuscrito. Por exemplo, embora o texto de Arquimedes estivesse a duas colunas, os textos em palimpsestos noutros fólhos estavam numa coluna, outros tinham um número de linhas diferente por fólho e a caligrafia, nos casos em que não era invisível, por vezes era diferente. O Sr. B comprara vários livros num só. No fundo, concluí, o Palimpsesto Arquimedes só tinha este nome porque ninguém conseguira identificar os outros textos do manuscrito e porque os textos de Arquimedes eram considerados muito mais importantes do que o livro de orações que lhe estava sobreposto.

Mas qual a verdadeira importância deste «Palimpsesto Arquimedes»? Fui-me informar: e relativamente ao livro do Sr. B as opiniões dividiam-se. Embora tivesse rendido 2,2 milhões de dólares no leilão, a verdade é que apenas três licitantes haviam lutado por ele: o Patriarcado, o Governo grego e o Sr. B, e nenhum deles sabia assim tanto sobre Arquimedes. Como é que nenhuma instituição académica estava suficientemente interessada nele para entrar na refrega? Vim a saber que muitos estudiosos bem informados eram cépticos quanto à verdadeira hipótese de se poder aprender muito mais com este livro. Toda a gente referia o facto de um tal Heiberg ter descoberto e lido o manuscrito em 1906. E Heiberg, ao que parece, era uma espécie de deus. É muito impro-

vável que lhe tivesse escapado alguma coisa importante. O Sr. B, diziam-me, comprara uma relíquia mas não um livro que justificasse muito mais investigação.

Fosse como fosse, o Sr. B confiara-me a sua relíquia e eu não tinha outro remédio senão levar este seu novo bem tão a sério quanto ele. Como era evidente, o livro precisava de três coisas: primeiro, e visto que estava literalmente a desfazer-se, precisava de ser restaurado; segundo, como ninguém conseguia ler o texto em condições, precisava de processamento de imagem; terceiro, se por acaso a Heiberg tivessem escapado algumas linhas, então os académicos teriam de o ler. Sabia que o Sr. B só queria os melhores. O que era óptimo, pois o livro estava em tal estado que precisava dos melhores – os melhores restauradores, o processamento de imagem mais avançado e os académicos mais qualificados. Eu não era nada disto, e questioneei-me se seria a pessoa indicada para zelar pelo livro do Sr. B. Eu era extremamente desajeitado; em tempos tivera uma Kodak Instamatic mas há muito que a perdera; os meus conhecimentos eram sobre manuscritos latinos, e não gregos, em livros religiosos e não matemáticos, e em livros belos, não feios. E, por amor de Deus, certamente em livros legíveis, não invisíveis.

A razão por que o Sr. B me escolhera, entre tanta gente, para zelar pelo seu livro parecia-me algo absurda. Mas o Sr. B sabia das minhas limitações. O meu trabalho, como ele na altura percebeu muito melhor do que eu, era conseguir as pessoas certas para o trabalho. Mas como é que eu iria fazer isso?

O GESTOR DO PROJECTO

A 16 de Julho de 1999, sexta-feira, o *Washington Post* publicou um artigo sobre o Palimpsesto. Tanto eu como Abigail recebemos muitos mails com reacções a este artigo. E alguns eram dos mais excêntricos que já recebera (ao neto ilegítimo de Rasputine só posso dizer que ainda não encontrei no Palimpsesto Arquimedes qualquer prova da sua linhagem). Mas concentremo-nos naqueles que considerámos úteis. Eis o melhor.

Prezados Drs. Noel e Quandt,

Li com interesse o artigo no *Washington Post*. Parabéns. Põe certamente o nosso trabalho em perspectiva. Na comunidade dos serviços de informações temos equipamento que poderá ajudar. Temos também uma vasta gama de contactos no mundo do processamento de imagem que vos poderá ser útil. Caso pretendam aprofundar este assunto, não hesitem em contactar-nos. Seja como for, o projecto parece ser fascinante. Boa sorte.

Melhores cumprimentos,

Michael B. Toth

National Policy Director

Hoje em dia, o National Reconnaissance Office (NRO [Departamento de Reconhecimento Nacional]) já não é um segredo, mas foi-o durante muito tempo. O Sr. B disse-me que a única razão para ser virem a público, foi porque as pessoas não percebiam por que motivo centenas de carros entram num pequeno edifício de escritórios. A razão era que a maior parte do edifício era subterrânea e albergava o centro nevrálgico e ignorado do programa de reconhecimento por satélite dos Estados Unidos. Mas agora já se podem encontrar informações na internet: trabalhando em articulação com a CIA e o Ministério da Defesa, pode alertar para potenciais locais problemáticos em todo o mundo, ajudar a planear operações militares e monitorizar o ambiente. A sua missão consiste em desenvolver e operar sistemas de reconhecimento espacial únicos e inovadores e levar a cabo actividades nos serviços de informações que sejam essenciais para a segurança nacional dos Estados Unidos. Sendo um leitor ávido de John Le Carré, o mundo da espionagem sempre me fascinara. Isto era um espectáculo!

Liguei ao Sr. Toth. Estive quase tentado a dizer-lhe que, se aguardasse um momento, eu levava o livro para o telhado do museu e se ele pudesse mandar um satélite sobrevoá-lo, em poucos minutos podíamos ficar despachados. Mais a sério, convidei-o a visitar-nos em Baltimore. Ainda assim, eu tinha a esperança

que ele tivesse um *kit*, talvez no bolso, ou então disfarçado de relógio, que me pudesse ajudar com este problema. Para meu desapontamento, depressa se tornou evidente que nenhuma organização governamental nos poderia ajudar com o processamento de imagem do Palimpsesto. Como este era propriedade privada, o dinheiro do erário público não podia ser gasto nele. Mesmo assim, Mike disse-nos que de bom grado nos auxiliaria como voluntário. Sem as suas engenhocas, eu não sabia como ele o poderia fazer, mas afigurava-se-me pouco sensato aborrecer este homem, e ele parecia ter a certeza de que poderia ajudar.

Afinal, Mike era um especialista a lidar com sistemas muito técnicos, incluindo sistemas de processamento de imagem, e em particular a avaliar algo chamado «risco de programa». Isto foi um extraordinário golpe de sorte. Ao que parece, eu descobrira um americano que fora profissionalmente treinado para me dizer com exactidão em que tipo de sarilhos eu estava. Ele já vira pior, mas era bom que eu atinasse. Mais importante ainda, ele estava disposto a ajudar-me. Sou um académico que se especializou em manuscritos litúrgicos com iluminuras da Cantuária, em Inglaterra, a partir de cerca de 1020. Tenho algumas competências. Por exemplo, posso recitar o Livro de Salmos de trás para a frente e dizer a lista de reis e rainhas de Inglaterra, de Hengisto até Henrique VIII. Mas estas competências não são especialmente apropriadas para gerir de forma eficiente um projecto integrado, com custos moderados e um alto nível de desempenho, e respeitando prazos razoáveis, tudo de forma a criar uma mais-valia para um proprietário e apresentar um texto de Arquimedes ao mundo. E como eu precisava de um consultor técnico! E de preferência um que, como eu gostava de acreditar, já tivesse carregado no botão de lançamento de um vaivém espacial.

Tal como tantas outras pessoas que viriam a ajudar com Arquimedes, Mike era voluntário. Não queria dinheiro, nem queria ver divulgado na imprensa a sua organização governamental. Na realidade, todo o seu trabalho no Arquimedes foi feito através da empresa do seu pai, a R. B. Toth Associates, e era desta forma que

o apresentávamos às pessoas. Com Mike no projecto, foi atribuída a toda a gente uma ocupação de fachada, pelo menos assim me parecia. O Sr. B tornou-se a «a fonte de selecção da autoridade» (ou seja, decidia tudo); Abigail passou a ser «o caminho crítico» (isto é, tudo dependia do restauro); os académicos passaram a ser os «utilizadores finais» (ou seja, definiam o que era melhor); e os técnicos de processamento de imagem tornaram-se o «valor acrescentado» (isto é, faziam a diferença). E eu? Mike atribuiu-me o grandioso título de «Director de Projecto».

A FONTE DE SELECÇÃO DE AUTORIDADE

Conheço o proprietário do Palimpsesto Arquimedes. Conheço-o muito bem. E se por esta altura não sabem quem é, então também já não precisam de o saber. À comunicação social costumo dizer que ele é-lhes mais útil como enigma; aos curiosos digo para se meterem na sua vida. Para os que o conhecem, ele é leal, generoso, atencioso e esclarecido. O seu estilo de mensagens de *e-mail* é algo sintético, mas habituamo-nos.

Quando o Palimpsesto Arquimedes foi vendido, alguns académicos ficaram indignados por o livro ter regressado a uma colecção particular. Mas se Arquimedes tivesse suficiente importância para o público, as instituições públicas tê-lo-iam comprado. Mas Arquimedes não tinha; o Palimpsesto foi-lhes oferecido a um preço mais baixo do que aquele a que viria a ser leiloadado e recusaram-no. Se acha que é uma vergonha, é uma vergonha de que também comunga. Vivemos num mundo em que o valor se traduz em dinheiro. Se se preocupa com o que acontece com o legado do mundo, então aja em prol disso e esteja preparado para pagar por isso. Lamento.

As razões práticas pelas quais poderia ter sido «mau» o manuscrito ir para uma colecção particular é que o livro poderia ser mal manuseado e os estudiosos adequados poderiam nunca ter a oportunidade de o analisar. Pura e simplesmente, alguém poderia tê-lo enfiado num sótão. Como veremos, dadas as condições em que o livro se apresentou vindo da última colecção particular de que

fizera parte, estas preocupações eram legítimas. Espero, contudo, até ao final do livro, se é que não até ao final deste capítulo, ter demonstrado que este manuscrito foi muito bem tratado e analisado pelas pessoas apropriadas. Uma outra razão por que poderia ter sido «mau» é que o futuro é incerto. Isto ainda é verdade: quando o trabalho estiver concluído, o manuscrito regressará ao seu dono e não sei o que lhe acontecerá. Mas a melhor forma de prever o comportamento futuro é o comportamento passado, e ao longo dos últimos sete anos o proprietário tem-se comportado de forma responsável, prudente e generosa.

O que quero dizer com isto? Bem, ele tem um enorme interesse no Palimpsesto Arquimedes e no projecto e respectivos objectivos. Sabe de livros, tem cuidado com eles e possui uma biblioteca soberba. É ele que toma todas as decisões importantes relacionadas com o livro, mas fá-lo depois de nos ter ouvido atentamente e de ter lido as propostas que lhe submeti. E, além disso, paga todo o trabalho. O projecto nunca teve escassez de fundos. Os estudos de manuscritos, os classicistas e os matemáticos devem muito ao proprietário do Palimpsesto Arquimedes.

O CAMINHO CRÍTICO

A primeira coisa era assegurar o bem-estar do manuscrito. Independentemente do que acontecesse, o manuscrito tinha de ficar seguro. Neste aspecto, nada tive de fazer, e nada fiz desde que o livro chegou. Foi a Abigail Quandt quem tratou de tudo. Abigail é internacionalmente afamada pela conservação de manuscritos medievais. Trabalhou em alguns dos mais famosos manuscritos mundiais, incluindo os do Mar Morto e uma das grandes obras-primas da Idade Média – o Livro de Horas de Jeanne D’Evreux, no Metropolitan Museum of Art (Met). Abigail fez a sua formação em Dublin, com Tony Cains, chefe de Restauro do Trinity College Dublin, e em Inglaterra, com Roger Powell, que reencadernou o Livro de Kells. E ela estava no Walters há muito mais tempo do que eu – desde 1984. Eu era o novato.

Abigail era crucial para o planeamento do futuro do Arquimedes, e para qualquer decisão relativa ao bem-estar do manuscrito – e seriam muitas – a sua opinião seria sempre a mais autorizada. Eu não tinha apenas na minha equipa uma excelente colega: mais importante ainda, eu tinha a plena certeza de que o Arquimedes estava nas melhores mãos possíveis; podia estar descansado, pois já não agravaria a situação do manuscrito e podia concentrar-me em outras coisas.

OS UTILIZADORES FINAIS

Recebi muitas propostas de vários entusiastas a oferecerem-se para ajudar com a decodificação do Palimpsesto. Algumas delas eram assaz enérgicas, no mínimo. Tentei não ser ofensivo, enquanto ia elaborando uma estratégia. O manuscrito era tão frágil que eu não podia deixar que qualquer um experimentasse. Precisava de conseguir as duas ou três pessoas que melhor editassem o texto, para que pudesse ser publicado. A questão era: quais são?

Gary Vikan disse-me desde logo para contactar Nigel Wilson, do Lincoln College, em Oxford. Era uma escolha óbvia por duas razões. A primeira porque, uma vez que colaborara bastante na execução do catálogo do manuscrito para o leilão da Christie's, conhecia o livro melhor do que ninguém. E a Christie's pediu-lhe que colaborasse no catálogo precisamente pela mesma razão que eu o queria a trabalhar no manuscrito: Wilson não tinha rival na sua erudição académica sobre a transmissão de textos clássicos da Antiguidade até à Idade Média, e os seus conhecimentos de paleografia (análise de escrita) e filologia (análise de texto) eram lendários. Escrevi-lhe numa segunda-feira, a 25 de Janeiro de 1999, a explicar-lhe que para fazer jus ao manuscrito, precisaríamos de um reputado académico bem versado no assunto para ser consultor e que, caso aceitasse, ele estaria em posição ímpar para nos ajudar. Desde então que Nigel tem vindo a colaborar connosco. E tornou-se muito mais do que um consultor independente.

Em seguida, liguei ao meu discreto amigo Patrick Zutshi, Con-

servador de Manuscritos e Arquivos da Biblioteca da Universidade de Cambridge, para lhe pôr o meu problema. Ele aconselhou-me a entrar em contacto com Patrícia Easterling, Professora *Regius* de Grego na Universidade de Cambridge. Para mim, isto já era demasiado imponente, mas não, pensei, para Arquimedes. Por isso telefonei-lhe e perguntei-lhe: «Pode por favor indicar-me quem é a melhor pessoa para estudar o Palimpsesto Arquimedes?» Encontrámo-nos no início de Março de 1999, no salão de chá da biblioteca da Universidade, e ela sugeriu que eu contactasse Reviel Netz, que estava a traduzir Arquimedes para inglês, para a Cambridge University Press. Segundo ela, Netz estaria mais interessado do que a maioria. Embora muitos fossem cépticos quanto às descobertas que se poderia fazer no texto, todos concordavam que o manuscrito era importante pelos diagramas que continha e Netz parecia ter uma especial apetência por diagramas (como veremos adiante). Ele pertencia ao Massachusetts Institute of Technology (MIT [Instituto de Tecnologia de Massachusetts]). Escrevi-lhe um *e-mail* e depois falámos ao telefone. Pat Easterling tinha razão.

«Sim, preciso de ver os diagrama, em especial para *Da Esfera e Cilindro*», julgo que foram as primeiras palavras que proferiu. Mas ainda hoje não tenho a certeza, pois ele tem um sotaque israelita muito carregado. Aquilo pareceu-me algo inconveniente e tentei refrear a coisa. Por isso, falei devagar, tracei um quadro amplo do que iria ser o nosso trabalho, e de que forma ele se poderia enquadrar, e caso estivesse interessado, então talvez, só talvez, ele devesse vir a Baltimore.

Quando alguns dias mais tarde o fui buscar ao aeroporto, percebi logo que aquela insistência se devia ao seu medo e entusiasmo. Fiz o que pude para o tranquilizar: sim, o Walters era um centro de excelência; não, o Palimpsesto não estava aqui provisoriamente; sim, ele podia vê-lo – amanhã, até – mas tinha de ter muito cuidado; não, eu não tencionava mostrá-lo a toda a gente. No dia seguinte percebi o motivo da sua inquietação: ele sabia melhor do que ninguém que a caixa com o Palimpsesto continha

uma máquina do tempo até Arquimedes em Siracusa, no século III a.C. Explicou-me a importância dos diagramas como nunca ninguém o fizera. Depois de se ter convencido de que eu percebia a grave responsabilidade que assentava nos meus ombros, olhou para mim, compreensivo. Ele sabia que eu daria o meu melhor pelo livro, mesmo não o percebendo e apesar de ser uma tarefa morosa e exigente, que me afastaria da minha própria investigação durante anos. Ótimo. Ele estava do meu lado, quanto mais não fosse porque eu estava do lado de Arquimedes.

Ao contrário de mim, Reviel nunca achou que o Palimpsesto fosse feio – não lhe interessava o aspecto; contemplava-o, simplesmente, com deslumbramento e sentia-se intimidado ante a tarefa que tinha pela frente. No entanto, todas as suas dúvidas se desvaneceram quando soube que iríamos trabalhar lado a lado com um colega da dimensão de Nigel Wilson. Reviel fez ainda outra sugestão: achou importante arranjar alguém para trabalhar apenas nos fólios do Palimpsesto que continham textos que não eram de Arquimedes. Queria saber quem fazia companhia a Arquimedes neste livro de orações. Por mim, achei que era uma boa ideia: mesmo que percebêssemos bem o texto de Arquimedes, haveria ainda a hipótese de descobrirmos mais qualquer coisa sobre os outros textos do Palimpsesto.

Reviel sugeriu Natalie Tchernetska, uma letónia que se estava a doutorar no Trinity College, em Cambridge, em palimpsestos gregos. E a sua orientadora era Pat Easterling. Como o mundo é pequeno. Encontrei-me com ela no gabinete de Pat no Newnham College, no verão de 1999. Foi muito prestável na avaliação das imagens e teremos mais tarde oportunidade de analisar parte do seu trabalho. Era este o núcleo da equipa de especialistas académicos que iria traçar um quadro completamente novo do maior matemático da Antiguidade e desvendar o maior palimpsesto do mundo.

O VALOR ACRESCENTADO

Num dia de Agosto de 1999, reuni-me com Abigail e Mike Toth no meu gabinete. Tínhamos de descobrir as pessoas certas para digitalizar o palimpsesto. Isto era assustador. Por um lado, eu sentia-me esmagado ante a ideia do trabalho que teria de fazer, mas, por outro, nem sabia sequer que trabalho seria esse. Mike era da opinião de que deveríamos organizar um concurso para as pessoas que pretendessem digitalizar o palimpsesto. Mas eu achava que isto não era boa ideia: parecia dar muito trabalho. Educadamente, Mike insistiu: iria aumentar em muito a quantidade de procedimentos de digitalização a que poderíamos submeter o livro e dar aos participantes um incentivo para reduzir custos e melhorar o seu desempenho, na expectativa de serem recompensados com o trabalho de digitalizarem o volume inteiro. Era uma questão de sensatez, argumentava. A mim parecia-me complicadíssimo. Foi então que me falou pela primeira vez num concurso público de propostas. Para mim, agora, um processo como esse é uma coisa normalíssima. É um documento onde expomos o problema e pedimos uma solução.

A Abigail preparou-o. É um de vários documentos brilhantes, e exaustivos, que ela redigiu durante o projecto. Começa com o objectivo: digitalizar e preservar para a posteridade todos os textos dos 174 fólios do Palimpsesto Arquimedes. Referia todas as dificuldades: como o manuscrito era muito frágil, todo o manuseamento seria feito por ela e por pessoal designado por ela. Traçava também as fases do trabalho: após o concurso, o fornecedor escolhido digitalizaria todo o manuscrito desmontado. A proposta completa tinha seis páginas. Em resposta ao PP recebemos seis propostas. Destas seis, submetemos três ao Sr. B, que escolheu duas para irem a concurso.

Uma das equipas era constituída por Roger Easton, membro da faculdade no Centro Chester F. Carlson para Ciência da Imagem do Instituto de Tecnologia de Rochester, e por Keith Knox, na altura Cientista-Chefe do Centro de Tecnologia de Imagem

Digital da Xerox, também em Rochester, mas que agora trabalha para a Boeing, no Havai. Keith, juntamente com Brian J. Thompson, ficara famoso uns anos antes por ter criado e patenteado um método – o Algoritmo Knox-Thompson – que recupera imagens de fotografias de telescópios que ficaram degradadas pela atmosfera. Mais recentemente, Roger e Keith fizeram equipa, com o falecido Robert H. Johnston, para digitalizarem textos deteriorados, incluindo um palimpsesto da biblioteca da Universidade de Princeton e vários fragmentos dos Manuscritos do Mar Morto. O seu trabalho fora aclamado na BBC e na televisão americana. E tinham já trabalhado no Palimpsesto, pois a cunhada de Keith conhecia Hope Mayo, que colaborara com Nigel na preparação do catálogo para o leilão da Christie's. Algumas das suas imagens até constam do catálogo. Roger, Keith e Bob Johnston eram conhecidos e uma aposta segura.

A outra equipa vinha da Johns Hopkins University e, na verdade, era uma equipa de um só homem, William A. Christens-Barry. Bill não é um cientista de imagem, e muito menos um fotógrafo: é um físico. Quando o conhecemos ele estava a trabalhar no Laboratório de Física Aplicada da Johns Hopkins University. O Laboratório emprega quase 3000 engenheiros, técnicos de informação e cientistas. Trabalha principalmente em projectos de desenvolvimento financiados por organizações federais, e, entre estas, especialmente com a Marinha dos Estados Unidos e a NASA. Os cientistas têm acesso a toda a vasta gama de bases de dados e a actividades de análise que sejam de interesse para os financiadores, e isto inclui dados recolhidos em plataformas de reconhecimento aéreo, oceânico e espacial. O trabalho em outras áreas que não a Defesa e a Espacial constitui a actividade secundária do laboratório. Grande parte da investigação de Bill incidia sobre problemas da ciência médica e biológica, em especial relacionados com cancro. Uma instituição impressionante; e uma pessoa impressionante. A sua proposta estava cheia de ideias de que mais ninguém se lembrara.

O DIRECTOR DE PROJECTO

Todas estas pessoas tinham funções bem definidas. E o que era eu? Um factótum de Arquimedes. Eu falava e dispunha. Tal como o Mike dizia, eu tinha uma série de pratos a girar nas varinhas. E teria de o fazer ainda por muito tempo. Ao contrário dos outros, eu não tinha qualquer qualificação especial para a minha função. Era apenas um bom rapaz que gostava de livros. Ainda assim, e mesmo que tivesse sido mais por sorte do que por análise judiciousa, tinha contactado as pessoas certas e preparado muita coisa. No final do ano tinha um plano pronto e os principais intervenientes estavam a bordo. A quem quer que perguntasse, eu podia dizer o que eu fazia. Só não conseguia dizer por que é que o fazia. Se me ligassem e perguntassem por que razão qualquer dos Amigos de Arquimedes queria fazer este trabalho, eu reencaminhá-la para o Reviel Netz.